

AS BASES PARA UMA TEORIA DA IMAGEM MEDIÁTICA

PROJETO TEMÁTICO DE PESQUISA COLETIVA

Coordenação geral:

Prof.. Dr. Norval Baitello Junior

Linha de Pesquisa - 1

Resumo:

O presente projeto se propõe a buscar os fundamentos para o estudo da imagem mediática na obra e nas reflexões de três autores: Aby Warburg(1866-1929), Vilém flusser (1920-1991) e Hans Belting (1936). Os estudos recentes de Hans Belting, lastreados na história ampla da imagem, no pensamento precursor de Aby Warburg e nas investigações da moderna Teoria da Mídia desenvolvidos na Europa, mas sobretudo na Alemanha desde os anos 70 (com uma participação decisiva de Vilém Flusser) propõem a constituição de uma investigação da imagem além e aquém de sua compreensão como objeto artístico. Belting propõe em sua *Antropologia da imagem (Bildanthropologie)* as bases para a constituição de uma "ciência da imagem" complexa, pluridisciplinar, uma antropologia das imagens e os ambientes que elas geraram ao longo da história.

Notadamente pode-se diagnosticar a presença de três grandes universos distintos de imagens, aqueles de culto, aqueles da arte e aqueles da mídia. O que constitui a essência das imagens mediáticas é a tarefa que hoje em dia se coloca para a moderna teoria da imagem. A partir do impulso inicial da obra de Belting, surgem as primeiras tentativas de estudo e compreensão da natureza da imagem e seu papel central nesse novo ambiente. A idéia de uma iconologia ou teoria da imagem, proposta muito antes por Aby Warburg já reservara espaço nobre às manifestações da imagem "menos nobre" das ilustrações de livros, das fotos de revistas ilustradas e jornais, da propaganda, das imagens em selos postais, dos relevos em sarcófagos, dos universos incultos e dos círculos não iniciáticos. Assim, resta a uma mais abrangente abordagem de uma ciência) a investigação sistemática da imagem como grande veículo da era da mídia.

Ainda assim, despontam usos publicitários de imagens olfativas e táteis, por exemplo. Tampouco pode-se compreender a imagem (em geral, mas especialmente aquela cultivada pelos *media*) apenas pela classificação de seus suportes físicos ou apenas das técnicas e aparatos que as produzem. As propostas, tanto de Belting quanto de Warburg caminham mais fundo em direção a um entendimento da imagem

em seu papel mediador, como agente de sociabilidade, como 'medium', como poderosa catalisadora de energias e desencadeadora de ações.

Objeto da pesquisa: Proponho dividir o objeto em três grandes componentes ou pedras fundamentais, investigando em cada uma delas um autor central e as redes que se constituíram em torno dele, bem como os trânsitos complexos entre as três vertentes teóricas. Os três autores centrais são Aby Warburg (1866-1929), Vilém Flusser (1920-1991) e Hans Belting (1936 -).

1ª. pedra fundamental: Aby Warburg: O projeto mapeia o pensamento de Aby Warburg e sua concepção de imagem como "Pathosformel" (fórmula de *páthos*) e como registro de uma "Nachleben", 'pós-vida'. Aby Warburg ficou muitas décadas esquecido como teórico da imagem. Seu pensamento é revolucionário a respeito da natureza das imagens e sua capacidade de (trans)portar sentidos, movimentos interiores e sentimentos ao longo de extensos períodos históricos. Sua teoria de uma 'pós-vida' das imagens e de imagem como "fórmula de *páthos*" (palavra grega que quer dizer 'o que se experimenta- como paixão da alma, sofrimento ou doença') transcende sua formação original de História da Arte e alcança hoje a Teoria da Mídia, uma parte integrante das Ciências da Cultura, como ferramenta fundamental.

Sua proposta de um Atlas das Imagens - MNEMOSYNE - e materializa o projeto de compreensão da passagem das imagens de um universo a outros, de um tempo a outros, de um espaço a outros. O complexo pensamento warburguiano, ancorado em uma grande ciência matriz, a Ciência da Cultura, para cuja constituição o próprio Aby Warburg construiu ao longo de sua vida uma imponente biblioteca (do ponto de vista qualitativo), a Kulturwissenschaftliche Bibliothek Warburg, demonstra o quanto já estava presente no início do século XX a imagem utilitária da mídia (presente em suportes como selo postal, nas revistas, nos jornais, nas ilustrações dos livros).

A presente pesquisa pretende centrar-se no projeto do *Atlas das Imagens MNEMOSYNE* como o primeiro grande projeto de estudo da natureza mediática das imagens contemporâneas (e suas respectivas etimologias, bem como sua constituição em "famílias"). O projeto *MNEMOSYNE*, inacabado por megalômano e utópico, oferece, em seus pouco mais de 60 painéis reunindo cerca de 2000 imagens, um modelo e uma metodologia inéditos de trabalho com as famílias de imagens quanto ao seu potencial de evocação, quanto à sua origem (seu étimo) e quanto à sua composição formal.

2ª. pedra fundamental: Vilém Flusser: O segundo grande passo para a constituição de uma base para a compreensão da imagem mediática foi dado por Vilém Flusser, no bojo de uma teoria da mídia, à qual o brasileiro ofereceu

inestimável contribuição. Há três grandes focos na obra de Flusser: a abordagem filosófica, a abordagem culturalista e a abordagem mediológica (ou comunicológica, como ele próprio preferia). A segunda abordagem o aproxima do pensamento de Warburg (). A terceira constitui uma revisão dos preceitos da teoria da comunicação, com bases filosóficas e antropológicas.

Talvez seja o conceito de funcionário, brevemente definido em *Filosofia da Caixa Preta*, um dos mais instigantes e operativos conceitos elaborados por Flusser. Resultado histórico do entrelaçamento "urobórico" crescente entre homem-ferramenta, homem-máquina e homem-aparelho, também esse conceito possui raízes profundas e remotas no pensamento do Autor. Já em seu livro *Da religiosidade. A literatura e o senso de realidade*, publica um artigo com o título de "O funcionário". O conceito se transforma, se desenvolve e expande ao longo da obra de Flusser, mas sua idéia inicial, de alguém que está dentro do aparelho, alguém já programado previamente, previsto, pré-conhecido reafirma a idéia antropofágica que está nos princípios da imagem arcaica ou tradicional, que devora a gestualidade do corpo para devolver planos bidimensionais chamados 'imagens'; está nos princípios da escrita que devora as imagens, descascando-as e reduzindo-as a linhas; está nos princípios da imagem técnica que devora as linhas da escrita para transformá-las em pontos. Assim também o funcionário é um ponto imaterial, um entrecruzamento de projetos. Por isso ele joga com os meios que possui. O que o move e alimenta é a 'sifr' árabe, a nulodimensão, o vazio, o deserto com infinitos grânulos, os cálculos (pequenas pedrinhas de calcário). Jogar é operar em abstrato, é especular com o vazio da saudade (na acepção de Flusser, a grande metáfora do vazio). Assim seria a imagem, sobretudo aquela que se reproduz tecnicamente, uma ferramenta de compensação e ao mesmo tempo reafirmação do vazio que se cria com os sistemas mediáticos.

Sua obra vem ganhando, assim, um crescente número de leitores no mundo todo por dedicar-se a uma sólida reflexão sobre o mediático, seus ambientes e seus cenários, no qual a imagem desempenha novamente o papel central. Pretendo concentrar a pesquisa de Flusser em seus três últimos livros, dois inacabados *Menschwerdung* (Hominização) e *Vom Subjekt zum Projekt* (Do sujeito ao projeto) e o outro póstumo *Kommunikologie weiter denken* (Continuar pensando a comunicologia. São o coroamento da reflexão flusseriana a respeito da imagem. Creio que uma chave para o entendimento do conceito da imagem em Flusser (e do conceito da imagem mediática, em geral) está justamente na encruzilhada (ou na passagem) entre o "funcionário" e a "imagem", conforme propõe o estudo de E. von Samsonow sobre "sujeitos e objetos hipnógenos".

3ª. pedra fundamental: Hans Belting: Historiador da Arte consagrado e de grande respeitabilidade, Belting traz a público em 1990, em seu *Bild und Kult* (Imagem e culto) uma grande documentação acompanhada de uma reflexão sólida a respeito dos ambientes de imagens anteriores ao Renascimento e sua principal característica, a intenção de transcendência, oposta àquela marca do artístico que se compreende a si mesma como uma intenção de imanência. Declara com isto que a imagem não se pode compreender como uma manifestação exclusivamente artística, sendo um objeto mais amplo, mais antigo do que o período abrangido pela história da arte. Tal reflexão amplia-se em sua *Bildanthropologie* (Antropologia da imagem) de 2001, quando o autor admite que a proliferação das imagens contemporâneas está distante da intenção imanente do estético, constituindo um novo âmbito a ser estudado. Ainda que um substrato de culto e um substrato artístico estejam presentes nas imagens utilitárias que nos cercam no dia a dia em todos os espaços da vida contemporânea, sua essência, sua intenção e sua constituição são distintas.

Hans Belting desenvolveu ainda uma profícua interlocução com o filósofo Dietmar Kamper, autor de uma aguda reflexão sobre os excessos da civilização da imagem. Kamper, operando com o conceito de "imagem como paradoxo da presença de uma ausência", dá honrosos créditos a Flusser, trabalhando e desenvolvendo o conceito de "escalada da abstração", bem como vislumbra, na escalada das imagens (evidentemente em grande medida naquelas mediáticas, produzidas pelas "máquinas de imagens") uma instigante oposição à corporeidade: o outro do corpo hoje é a imagem. Nos últimos anos Hans Belting vem aprofundando suas pesquisas no campo da arqueologia da imagem, em interlocução com Sigfried Zielinski e os pesquisadores das arqueologias das mediações ou variantologia. Mais uma vez ocorre aqui uma aproximação com o instrumental conceitual de Aby Warburg, uma análise das inumeráveis vias que percorrem as imagens em sua errância assegurada por sua pós-vida.

Objetivos: mapear os fundamentos de uma sub-área da recentemente proposta Teoria da Imagem (Bildwissenschaft), anunciada por Warburg, esboçada tangencialmente por Flusser e proposta por Belting, como aporte fundamental para a reflexão sobre a comunicação da contemporaneidade.